

## **Celebridades musicais, fãs e política: o ativismo swiftie nas eleições presidenciais da Argentina em 2023**

### **Music celebrities, fans and politics: Swiftie activism in Argentina's 2023 presidential elections**

Mercedes Liska<sup>1,2</sup> 

**RESUMO:** *Este artigo analisa o engajamento político do fandom de Taylor Swift — os “swifties” — no contexto das eleições presidenciais argentinas de 2023, com foco na campanha digital “Swiftie no vota Milei”. A partir de um estudo de caso, a autora investiga como manifestações culturais relacionadas ao espetáculo musical e à celebridade podem transbordar para o campo da ação política, especialmente em contextos marcados pelo avanço da extrema-direita e pelo enfraquecimento dos movimentos feministas tradicionais. A análise propõe que as práticas dos swifties revelam novas formas de participação política, mediadas pela cultura pop e pelo consumo simbólico, desafiando os discursos sobre a despolitização da juventude. O trabalho contribui para os estudos sobre fanatismo, cultura de celebridades e participação política, ao evidenciar a capacidade de coletivos de fãs em atuar como sujeitos políticos ativos em disputas eleitorais e no debate público contemporâneo.*

**Palavras-chave:** *fandom; ativismo digital; cultura pop; eleições; feminismo; Taylor Swift.*

---

<sup>1</sup>Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, Argentina.

<sup>2</sup>Consejo Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas – Buenos Aires, Argentina.

Tradução: Natalia Garcia-Canceco.

Editoras: Eliza Casadei  e Gabriela Almeida 

**ABSTRACT:** *In this article, the political engagement of Taylor Swift's fandom — the “Swifties” — is analyzed in the context of the 2023 Argentine presidential elections, with a focus on the digital campaign “Swiftie no vota Milei” (“Swiftie doesn't vote for Milei”). Through a case study, the author investigates how cultural manifestations related to musical performance and the celebrity can spill over into the realm of political action, especially in contexts marked by the rise of the far-right and the weakening of traditional feminist movements. The analysis suggests that Swifties' actions demonstrate new forms of political participation, mediated by pop culture and symbolic consumption, challenging dominant narratives about youth depoliticization. The article contributes to the fields of fandom studies, celebrity culture, and political participation by highlighting the capacity of fan collectives to operate as active political subjects in electoral disputes and contemporary public debate.*

**Keywords:** *fandom; digital activism; pop culture; elections; feminism; Taylor Swift.*

## **Introdução: um ativismo político-eleitoral surge do fandom**

A visita da artista norte-americana Taylor Swift à Argentina tornou-se inesperadamente um dos palcos sociais da contenda política que se travava no país rumo às eleições presidenciais de 2023, que seriam definidas alguns dias após os três shows que ela realizou na cidade de Buenos Aires. Taylor Swift se apresentou no Estádio Monumental durante sua turnê *Eras Tour* nos dias 9, 10 e 11 de novembro de 2023. O segundo turno das eleições presidenciais ocorreria uma semana depois, em 19 de novembro.

A espessura e o grau de intensidade do universo *swiftie* tornaram-se visíveis na mídia de forma progressiva. Começou meses antes do evento, quando foi montado um acampamento nas proximidades do estádio onde os shows aconteceriam. Ou seja, o ciclo midiático partiu de uma preocupação com a ocupação do espaço público e culminou com a notícia impactante da campanha contra o partido de extrema direita por parte do *fandom swiftie*, sintetizada no *slogan* “*Swiftie no vota Milei*”. A campanha foi argumentada por meio da publicação de um documento que se tornou viral nas redes sociais e foi retomado como notícia pela imprensa local. A manifestação de diferentes grupos de fãs que tentaram exercer influência política em sua comunidade, com maior ou menor relevância, atingiu seu ápice entre as eleições primárias e o segundo turno entre os dois candidatos mais votados: Sergio Massa, do peronismo, e Javier Milei, líder de um novo partido político de tendência neoliberal libertária pró-EUA, ligado e identificado com Donald Trump. O contexto entre as duas eleições, em outubro e novembro, coincidiu com a visita de Taylor Swift ao país pela primeira vez em sua carreira.

Este trabalho apresenta um estudo de caso paradigmático em relação ao papel contemporâneo das artes do espetáculo e suas celebridades no debate público (BULLONI *et al.*, 2022) desde uma perspectiva de gênero. Ante o crescimento de projetos políticos protofascistas em escala internacional, cujos líderes têm um estilo hipermasculino comum (ILLOUZ, 2022, p. 25) que chega até mesmo, como no caso de Milei,

a posições abertamente antifeministas. Se esse caso permite reafirmar a crítica cultural à representação infrutífera dos grupos de fãs, questionada pelos estudos sobre fanatismos (BORDA, 2012; SPATARO, 2013; BORDA; GANDOLFI, 2021; entre outros), também nos permite observar modos de ação e coletivização política nas camadas juvenis da sociedade em estreita relação com a experiência musical e suas celebridades.

Em seguida, o trabalho descreve e analisa a trajetória artística e política de Taylor Swift, destacando suas conexões com o movimento *Me Too* e as apreciações sobre o feminismo pop norte-americano. Posteriormente, analisamos o material ativista e artivista produzido pelo *fandom* na Argentina e o relacionamos com a bibliografia que vem apontando mudanças recentes na atividade dos fãs, sua ligação com diferentes movimentos sociais e o ativismo feminista.

### **Taylor Swift: de cantora a celebridade política**

É importante mencionar que Taylor Swift é considerada uma das artistas musicais de maior transcendência internacional nos últimos anos (SKINNER, 2022). Foi acumulando público entre aqueles que começaram a ouvi-la na adolescência e ainda mantêm sua admiração pela artista, além de conquistar novos fãs entre as gerações mais jovens. O núcleo de seu público é composto principalmente por mulheres, pessoas com identidades de gênero autopercebidas e homens.

Em 2020, Taylor Swift tornou-se uma celebridade política ao desafiar o mandato comercial da cultura de massa de não envolvimento político. No início daquele ano, a cantora se pronunciou publicamente contra a reeleição presidencial de Donald Trump, apontando suas políticas negacionistas em relação aos direitos das mulheres e da diversidade sexual. Na verdade, a *saída do armário político* de Swift, nas palavras de Simone Driessen (2022), não começou com esse fato, mas em 2018, quando Swift redigiu um comunicado sobre a candidatura da senadora republicana Marsha Blackburn pelo estado do Tennessee, local onde a artista foi criada, questionando sua plataforma política contra a legalização do aborto.

O ativismo feminista nas artes do espetáculo manifestou-se nos Estados Unidos através das denúncias de assédio e abuso no âmbito artístico em massa ocorridas entre 2017 e 2018. A mediatização das experiências individuais de violência sexual envolveu-se nos processos de celebração contemporânea de muitas artistas. A imagem de Swift como referência feminista intensificou-se em 2017, quando ela se juntou ao movimento *Me Too* — iniciado em resposta aos abusos sexuais cometidos pelo produtor de cinema norte-americano Harvey Weinstein —, bem como por sua denúncia pessoal contra o DJ David Mueller por agressão sexual quando ambos os artistas posavam para uma foto, um fato flagrante amplamente coberto pela mídia e criticado pela opinião pública. *The New York Times* e *The New Yorker* publicaram os resultados de uma investigação conduzida por Ronan Farrow sobre os abusos cometidos durante décadas contra mais de sessenta trabalhadoras do mundo do espetáculo nos Estados Unidos, entre as quais se encontravam atrizes e cantoras de grande notoriedade, como Taylor Swift, que aparece na capa com outras denunciantes que compareceram vestidas de preto à cerimônia de entrega dos Globos de Ouro em sinal de luta.

Desde então, a cantora tem utilizado sua plataforma artística para defender lutas históricas das mulheres, como a liberdade sexual ou o direito ao aborto, a igualdade de gênero e o consentimento. O que ocorreu às margens da atuação musical se cristalizou no álbum *Reputation*, de 2017. Swift produziu este trabalho após alguns anos de afastamento artístico e da mídia, após ter passado por uma crise devido à exposição pessoal e críticas de todos os tipos desde o início de sua carreira (GENTO DE CELIS, 2017).

Este álbum funcionou como uma antecipação poética do que foram as campanhas *Me too* e *Time's up*, ao mesmo tempo que teve um impacto na sua trajetória com um caráter marcante de agenciamento pessoal identificado com as lutas sociais contemporâneas. O álbum foi nutrido por novas influências musicais: o electro-pop e o rap, músicas mais próximas da estética musical identificada com o feminismo nos últimos

anos (LISKA, 2024)<sup>1</sup>. A música-chave desse álbum é dedicada aos seus *haters* através da sátira e da ironia, e o seu título é *Look What You Made Me Do*. O videoclipe (2018) contém referências indiretas a momentos específicos de sua vida e sua biografia midiática que apenas os fãs podem compreender, ou seja, um conteúdo projetado para ser descoberto pelo público fiel, o mais conhecedor, que ao mesmo tempo aprecia reconhecer essas referências ou, melhor dizendo, *Easter Eggs*<sup>2</sup>.

A ideia de agenciamento se manifesta no início do videoclipe com a aparição de Taylor ressurgindo de seu túmulo em um cemitério. Um dos dados artístico-biográficos também presentes neste vídeo é o evento da premiação MTV edição 2009, no qual o rapper norte-americano Kanye West arrancou o microfone de sua mão para expressar sua insatisfação com a entrega do prêmio a ela e afirmar que quem mais merecia o prêmio entre os três indicados era Beyoncé. Este acontecimento público de violência contra Swift, a jovem Barbie representante do interior branco norte-americano mimada pela indústria, adquiriu um tom mundano que não tinha em suas origens, vítima pública de violências que expuseram o lado hostil do mundo da indústria cultural e que fortaleceram os laços com seus fãs. Posteriormente, o músico West compôs uma canção dedicada a ela: *I Made that Bitch Famous*<sup>3</sup>.

Em 2020, em pleno confinamento social, o fenômeno Swift atingiu seu auge. Aparentemente, vários fatores contribuíram para isso. Em sua

- 1 A trajetória artística de Taylor Swift começou com o lançamento de seu primeiro álbum em 2006, de música country contemporânea, aproximando-se mais do pop a partir do álbum *Red*, de 2012 — momento de seu lançamento no mercado internacional — sem perder a referência ao country (GENTO DE CELIS, 2017).
- 2 “Easter Eggs” como conceito geral surgiu pela primeira vez com o jogo “Adventure” da Atari em 1980. Um dos executivos não quis incluir os nomes das pessoas que trabalharam no jogo, mas o designer Warren Robinett escondeu seu nome em um dos pixels do jogo, que podia ser encontrado clicando nessa área. Desde então, existe a tradição de deixar Easter Eggs em videogames, filmes, séries, etc., que os fãs podem encontrar e assim obter um pouco mais de informação sobre o que estão consumindo (LAKIER; VOGEL, 2022 em MONTES HERRERA, 2022, p. 2).
- 3 Sobre o conteúdo criado para os fãs, podemos observar um exemplo no videoclipe de *Look What You Made Me Do*. As cobras que aparecem no vídeo fazem referência aos emoticons de cobras que inundaram as redes sociais de Taylor Swift por parte dos seus *haters* quando, na edição de 2016 dos MTV Awards, ela se defendeu da música que West dedicou a ela, apesar de a cantora ter dado permissão para que ele a editasse.

essência, há um aspecto relacionado à narrativa confessional de suas canções (MONTES HERRERA, 2022) bem como à saúde mental e à autoestima (GIMÉNEZ, 2023), mas também teve um fato concreto: o lançamento do documentário *Miss Americana* (WILSON, 2020) no dia 31 de janeiro. Este documentário, que estreou no Festival de Cinema de Sundance e depois nos cinemas e na plataforma Netflix, representou um marco contemporâneo da relação entre o mundo das celebridades musicais e o espetáculo da política.

O documentário *Miss Americana* revisita a carreira de Taylor, abordando eventos importantes em sua vida: sua luta contra um transtorno alimentar, o diagnóstico de câncer de sua mãe, o processo judicial por agressão sexual, entre outros, e seu presente, a decisão de tornar pública sua posição política contra a candidatura de Trump nas eleições presidenciais de novembro de 2020. A sinopse do documentário na Netflix diz: “*Miss Americana* oferece um olhar íntimo e emocional sobre Swift enquanto ela aprende a aceitar seu papel não apenas como compositora e intérprete, mas também como uma mulher que aproveita todo o poder de sua voz”. Dessa forma, a possibilidade de uma cantora ser capaz de influenciar de maneira significativa as eleições de um país — e não qualquer país — torna-se um produto cultural e comercial inovador. O fato é que a cantora se tornou uma referência pública anti-Trump com influência sobre o voto norte-americano nas eleições de 2020 (TORRES, 2023).

O documentário mostra, paralelamente a esses acontecimentos, o processo de criação de um novo álbum, *Lover*, de 2019. Nesse mesmo ano, foi lançado o single *You Need to Calm Down*, música dedicada a Donald Trump, então presidente, divulgada no dia do seu aniversário e durante o mês do orgulho LGBTQ+. A mídia sustentou que tal pronunciamento da artista poderia influenciar as eleições nos Estados Unidos, uma vez que, conforme registrado no documentário, nos dias seguintes à sua declaração política, o número de inscrições para votar — conforme o sistema norte-americano — cresceu exponencialmente entre as mulheres jovens.

Além do milionário público global, Taylor Swift é, como já foi mencionado, alvo preferencial de inúmeras críticas. A partir de pesquisas nas redes sociais e na mídia, as críticas se distinguem entre críticas estéticas e simbólicas à sua música, associadas à banalidade, seu estilo delicado e romântico. Por outro lado, existe uma certa indignação étnica e de classe baseada em desqualificar à cantora por ser uma mulher de classe alta, representante da nação branca americana bem-sucedida. Isso, por sua vez, se transforma em uma crítica intelectual: Taylor Swift é representante do feminismo branco em tom pop. Isso pode ser percebido rapidamente em uma matéria publicada no meio argentino *Infobae* intitulada “*El feminismo de Taylor Swift bajo la lupa en un debate sobre inclusividad*”. A matéria se concentra na opinião de acadêmicas americanas:

A faceta empresarial de Swift e o fato de ela ter acumulado uma grande fortuna com seu trabalho musical alimentaram sua imagem de mulher feminista e empoderada: “Ela é considerada uma referência por seu poder econômico, mas isso é realmente feminismo ‘branco’”, afirma Paola Zamperini, professora do programa de Estudos de Gênero e Sexualidade da Universidade de Evanston, em Illinois. [...] “Swift é um exemplo de como o feminismo na América está ligado ao capitalismo. O sucesso financeiro é igual ao empoderamento das mulheres, em outras palavras”, expressa Lee Pierce, professora adjunta de Comunicação Retórica da Universidade Estadual de Nova Iorque (SUNY) e pesquisadora especializada em retórica, raça e cultura política estadunidense (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2024).

Acontece que, durante a Quarta Onda, as estrelas musicais que adotaram a bandeira do feminismo foram criticadas pela insuficiência de suas propostas políticas (MARTÍNEZ, 2019; LISKA, 2024), e não apenas Taylor Swift. Enquanto isso, o *fandom* da cantora costuma argumentar, a partir de uma perspectiva de gênero, que a sociedade não aceita o sucesso econômico de uma mulher e que, por onde passa, a cantora impulsiona as economias locais. Além dessas críticas, que tipo de experiências sociais e culturais podem surgir a partir da relação do público com uma celebridade musical e política internacional?

## **Fãs na representação do discurso social: a experiência *swiftie* nos meios de comunicação**

De acordo com a definição estabelecida na tese de Paloma Gento de Celis (2017) “*Swiftie*” é uma pessoa que é fã e sabe tudo sobre Taylor Swift, desde anedotas biográficas até músicas não editadas. Inicialmente, refere-se aos seguidores da artista desde sua época pré-massiva de músicas country contemporâneas, gênero que continua presente em seu repertório de forma mais misturada, estilizada e espaçada. Outras apreciações referem-se ao grau de proximidade afetiva de um público fã que constitui uma comunidade global muito “fiel” à artista (EL DESTAPE, 2023). *Fiel* é a palavra mais utilizada para se referir às características desse *fandom*.

A primeira reportagem sobre as *swifties* e sua preparação para os shows em Buenos Aires demonstra a persistência do julgamento histórico em relação ao público fã em suas representações dominantes: gasto de energia inútil, sacrifício pela artista e importunação pública. Com o título “*Insólito acampe en River para el recital de Taylor Swift... ¡dentro de cinco meses!*”, o jornal esportivo *Diario Olé* (2023) informou que, apesar de ainda faltarem 158 dias para o evento, alguns fanáticos já estavam acampando nas proximidades do estádio do time de futebol River Plate, alertando que, quando o acampamento crescesse, seria impossível acessar os jogos de futebol.

Conforme o recital se aproximava, a atenção da mídia ao acampamento aumentava, com a instalação de unidades móveis de televisão. A partir de breves entrevistas com as campistas, a representação negativa começou a se matizar e a revelar todo um sistema de rotação de pessoas no acampamento, a organização dos cuidados e um certo estado de comunitarismo predominante. Um caso individual divulgado por vários meios de comunicação que ilustra essa mudança gradual na aceitação do fenômeno *swiftie*, que se tornou uma multidão nas ruas, foi o de uma estudante de medicina que, identificada por seu uniforme hospitalar, estava se preparando para suas últimas provas em uma das tendas (MARÍN, 2023). Porém, essa representação ambígua do fanatismo não é uma

apreciação tão nova. Já em 2000, a especialista argentina Libertad Borda (2012) observou mudanças graduais nas representações, mais relaxadas e cotidianas, fora da figura da irrupção no espaço público. Pelo menos há duas décadas, coexiste um dualismo do termo “fã”: um sentido que se aplica a uma minoria estigmatizada e um sentido “neutro”, uma afeição por algum conhecimento exaustivo. Nas últimas décadas, o significado de fã ou fanático/a foi ganhando neutralidade e ampliação semântica.

Após alguns dias, é anunciada a notícia de que os ingressos se esgotaram em oito horas após a abertura das vendas. Posteriormente, são publicadas notícias mais detalhadas, que passam das seções de temas gerais ou culturais para as colunas de política. Essas publicações se dividem em dois momentos: a publicação e viralização do Comunicado *swiftie* divulgado pela mídia nos dias 26 e 27 de outubro e, posteriormente, a realização do primeiro show e as diversas situações que ocorreram no encontro do público durante as horas que antecederam o show de 9 de novembro nos arredores do Estádio.

De algumas crônicas jornalísticas, surge que, no mês de outubro, foi criada a “*Agrupación Swifties Contra Milei*” (PÁGINA 12, 2023) ou “*Swifties contra LLA*” — *La Libertad Avanza* — (SIETECASE, 2023). Este grupo organizado de seguidoras argentinas da artista publicou um documento na rede social X em 26 de outubro, convocando a votar contra o candidato libertário, líder de um novo partido político em forte ascensão, que desbancou o partido liberal nas eleições primárias, ficando na disputa pela presidência com a frente peronista. O *Comunicado a la comunidad swiftie*, que se tornou viral rapidamente, pedia ao *fandom* que se posicionasse “do lado certo da história”, frase dita por Taylor Swift em 2018 quando se pronunciou contra a candidata de Donald Trump pelo Tennessee: “Um dos candidatos, Javier Milei, líder de um partido mal chamado liberal, é na verdade o representante da direita antidemocrática que vem para nos tirar todos os direitos conquistados. Por que isso deve nos convocar como *fandom*?”<sup>4</sup>.

4 Publicado na conta X: @swiftAGAINSTLLA.

O manifesto fazia referência a uma questão política: a semelhança de Javier Milei com as políticas de seu grande admirador, Donald Trump, candidato a quem a cantora se opôs ativamente à reeleição em 2020, tornando-se uma celebridade política. Em particular, o argumento da semelhança entre os candidatos de cada país centrava-se na declaração antipolíticas estatais com perspectiva de gênero, os avanços dos direitos das mulheres e da diversidade sexual, conquistas alcançadas graças às intensas lutas dos movimentos LGBTQ+ e Feminista no país. Por sua vez, podemos recuperar essa pergunta política do comunicado como um questionamento sociológico: como foi que uma comunidade *fandom* se envolveu nas eleições presidenciais? Em outras palavras, compreender o processo pelo qual parte do público argentino de uma cantora pop norte-americana desenvolveu conteúdos políticos em oposição à candidatura de Javier Milei, apelando para a figura de Taylor Swift.

De acordo com o que algumas *swifties* relataram à mídia, o conflito entre as *swifties* e Milei começou anos antes, em 2019, quando Milei era apenas um aspirante a líder político. Isso foi explicado pela jornalista e fã Ana Correa e pela *swiftie* Malena Valladares em uma entrevista publicada no meio de comunicação Filo.News (GIMÉNEZ, 2023). Questionando as políticas de igualdade de gênero, ele se pronunciou sobre Taylor Swift em sua conta no Twitter para negar a diferença salarial entre homens e mulheres, considerando a fortuna acumulada por Swift como resultado de seu sucesso como artista musical (Figura 1).

Após a publicação do comunicado, as ativistas *swifties* foram entrevistadas por diversos meios de comunicação impressos e radiofônicos. O jornalista Reynaldo Sietecase (2023) realizou uma entrevista na rádio com uma das participantes de *Swifties contra LLA* nas redes sociais, a campanha das fãs que pediam para não votar em Milei. Entre outras coisas, ela comentou que é fã de Taylor Swift há mais de uma década e que não participa de nenhuma militância político-partidária, mas mantém um ativismo feminista ligado a organizações independentes. No entanto, ela ressalta que, assim como a cantora tomou uma posição

Figura 1 – Postagem de Javier Milei sobre a diferença salarial entre gêneros



partidária quando foi necessário, as *swifties* que acompanharam esse processo de Taylor devem se manifestar ativamente na política argentina. Ela não esperava que Swift se envolvesse em questões políticas de um país que não é o seu, mas sim que aqueles que realizaram a ação ansiavam que a cantora tomasse conhecimento do ativismo *swiftie* contra o candidato e desse um “sinal” durante o show, incluindo a interpretação de uma música que ela compôs interpellando seu público a tomar partido politicamente, que não estava no repertório que ela vinha apresentando na turnê Eras. A composição da canção *Only The Young* aparece no documentário *Miss Americana*, convidando as pessoas jovens a abandonarem o estado de desilusão política e se tornarem

agentes de mudança. Nas palavras de Abel Gilbert (2023), a canção se tornou um emblema sonoro anti-Trump.

Por sua vez, na entrevista ao meio Filo.news, as participantes da campanha *swiftie* afirmaram que as mulheres do país poderiam determinar a eleição presidencial, como ocorreu nas eleições de 1983, no retorno à democracia, e esperavam que a visita de Taylor à Argentina uma semana antes do segundo turno levasse a uma conscientização por parte das fãs que iriam ouvi-la (GIMÉNEZ, 2023).

Como aponta Noelia Torres (2023) em sua nota após o comunicado, esse fato revela novos territórios eleitorais. Em um trabalho recente sobre *feminismo nas comunidades de fãs*, Marta Prego Nieto (2023), da Universidade de Múrcia, afirma que atualmente os fãs utilizam a internet para criar conteúdos a partir de produtos midiáticos que oferecem discursos de temática política ou relacionados a movimentos sociais. Nesse sentido, retoma um trabalho de María del Mar Grandío (2016), que identifica um novo perfil de fã “participativo-ativista”. Trata-se de fãs que se organizam para colaborar no desenvolvimento de movimentos sociais ou políticos que, posteriormente, são contextualizados em uma esfera física<sup>5</sup>. De acordo com Prego Nieto (2023), as comunidades de fãs, que sempre tiveram uma presença significativa de mulheres, têm impulsionado processos de ressignificação feminista sobre, ou a partir dos conteúdos transmídia da cultura de massa e do sistema de celebridades. Da mesma forma, de acordo com a reivindicação do público fã de ter influência sobre os objetos culturais que consomem, o ativismo feminista da Quarta Onda repercutiu nessas reivindicações, exigindo, por exemplo, o protagonismo de personagens femininas de ficção e identidades de gênero não hegemônicas, entre outras (PREGO NIETO, 2023, p. 11). Nesse sentido, a cultura popular de massa oferece ideias e discursos que se reproduzem nas lutas sociais.

5 Grandío (2016) descreve quatro tipos de fãs: (1) fãs buscadores extratextuais, que saem do produto midiático “puro” para obter mais informações; (2) fãs participativos-conversadores, que comentam sobre o mesmo em diferentes plataformas digitais; (3) fãs participativos-criadores, de onde surgem novos conteúdos e (4) fãs participativos-ativistas, que realizam ações organizadas entre si.

Entre as ações realizadas durante os dias do show, foram colocados cartazes/pôsteres na cerca do estádio com a frase divulgada nas redes sociais — *Swiftie no vota Milei* —, que o público utilizou como fundo para tirar fotos e publicá-las (Figura 2).

Figura 2 – Fotografia da Agência de Notícias Têlam



Fonte: Torres (2023).

A criação ativista está organicamente relacionada com a produção discursiva e artística de Taylor Swift nos anos de 2018 e, fundamentalmente, em 2020, desde o lançamento do documentário *Miss Americana* até as eleições americanas de novembro. A estratégia visava trazer para o presente o pensamento de Swift naquela época com mensagens codificadas para o *fandom*. No *Comunicado a la Comunidad Swiftie*, foram utilizadas frases textuais cunhadas pela artista em momentos específicos, como “Estar do lado certo da história” e “Cheers for the resistance”. Um dos cartazes que apareceu colado nas paredes do estádio mostra um

retrato de Swift segurando uma bandeja de biscoitos com a frase “Sergio Massa 2023”. As *swifties* sabem que o pôster faz referência a uma foto famosa da cantora fazendo campanha a favor da candidatura de Joe Biden para 2020 (Figuras 3, 4 e 5).

Figura 3 – Fotografia de Natalia Pizarenko para o meio internacional Tampa



Fonte: Politi e Pisarenko (2023).

Se os cartazes pessoais são cada vez mais abundantes nos protestos sociais, no ativismo *swiftie* isso se resultou em inúmeros acessórios. Nos shows em Buenos Aires, as “pulseiras da amizade” e a prática de trocá-las entre os *swifties* como um gesto de irmandade adquiriram um significado conjuntural. Diversos registros visuais e audiovisuais documentaram a confecção de pulseiras com as iniciais “UXP” — *Unión por la Patria, Frente de Coalición Peronista*, entre outras iniciais alusivas à eleição. Também houve o canto coletivo de canções com simbolismo político. Nas imediações do estádio, antes do show, foram cantadas *Only the Young* e *You Need to Calm Down*.

Figura 4 – Postagem de Joe Biden com a imagem de Taylor Swift fazendo campanha para sua candidatura. 7 de outubro de 2020



Figura 5 – Fotografia da Agência de Notícias Télam



Fonte: Torres (2023).

A *Agencia de Noticias Télam* e o meio de comunicação *La Nación*, entre outros, coletaram depoimentos espontâneos durante as horas que antecederam o show de quinta-feira para perguntar sobre a relação entre Swift e as eleições argentinas (MARCUIZZI, 2023). *La Nación* afirmou que a maioria das pessoas entrevistadas iria votar a favor do candidato peronista, Sergio Massa. As vozes dissidentes da campanha eleitoral *Swiftie* que foram recolhidas têm um argumento comum, que é o de rejeitar a politização excessiva da artista por parte do ativismo *swiftie*, e pediam que se separasse o evento artístico das questões políticas. “Ou não conhece bem a Taylor ou não conhece bem a Milei” (GILBERT, 2023),

responde outro depoimento que atinge o coração *swiftie*: o público não consegue ignorar a posição política de sua artista favorita. “Porque Taylor fez tudo para a direita não vencer em seu país” (LA NACIÓN, 2023); “Como juventudes e como *swifties* é importante ter uma coerência com o que representa Taylor: seu feminismo, a necessidade que os direitos das mulheres e das diversidades sejam preservados” (TORRES, 2023). Um dos relatos revelados indicava que o ativismo dos fãs teve efeitos no *fandom*. Uma jovem disse à imprensa que mudou seu voto quando viu a mensagem “*Swifties contra Milei*” no Twitter e na televisão, voto que confirmou naquele dia ao sentir o impacto dos cartazes e grafites nos arredores do estádio (LA NACIÓN, 2023).

### **Considerações finais: as derivações do feminismo “impuro” de Taylor Swift**

Este trabalho analisou o papel ativo da cultura e da identidade *swiftie* nas eleições presidenciais do país. Ao mesmo tempo, descreveu processos sociais no âmbito da produção e do consumo musical que excedem os limites do que se conhecia até o momento. O uso conjuntural da biografia midiática de Taylor Swift no momento da congregação massiva de seu público, uma semana antes das eleições, colocou o *fandom swiftie* em um lugar de destaque que estabeleceu precedentes. A visita de Swift gerou as condições para tal relevância, e o *Comunicado* incentivou outras declarações: desde o ARMY local — fãs da banda sul-coreana de K-pop BTS — até *Las nenas de Sandro*, mostrando os coletivos de fãs como agentes políticos além do fato eventual.

Após o recital de 9 de novembro, houve reações nas redes sociais por parte dos eleitores do candidato Massa fora do mundo *swiftie*. Um dos memes mais divulgados mostrava a densidade política *swiftie* comparada com a neutralidade de alguns partidos de esquerda diante do avanço do neofascismo de mercado. O que é importante destacar neste exemplo é a equiparação de uma organização de fãs com uma organização político-partidária (Figura 6).

Figura 6 – Postagem viral intitulada “Las Swifties demostraron más responsabilidad histórica que la izquierda de Bregman y del Caño”



Fonte: conta no Twitter: @wakundamm.

Através do estudo de caso, podemos constatar a continuidade do público fã, como sustentou John Fiske (1992), como uma audiência altamente produtiva e participativa, que gera capital cultural popular semiótico e enunciativo. Segundo Henry Jenkins (2007), as *swifties* constroem uma recepção da artista com proximidade emocional enquanto exercitam a crítica e a interpretação conceitual de sua música, constituindo-se como consumidoras com direitos e criando uma comunidade social. Por sua vez, a especialista argentina Libertad Borda defende que o fanatismo se tornou uma verdadeira fonte de recursos que integra práticas, atitudes, expectativas e modos de relacionamento e comunicação disponíveis para a criação de identidades coletivas e individuais, tanto duradouras quanto efêmeras (BORDA, 2012)<sup>6</sup>. Mais do que um conjunto de características atribuíveis a um indivíduo ou grupo social, o fanatismo pode ser considerado uma posição. De acordo com Borda e Álvarez Gandolfi (2021), visões recentes do campo de estudos deixaram de insistir em uma definição rigorosa de fã e fanatismo, uma vez que se trata de uma arena de luta cultural na qual participam não apenas a academia, mas também os próprios sujeitos que

6 Definição elaborada a partir da definição de cultura de Edward Palmer Thompson (1990).

reivindicam essa condição. Nesse sentido, o fanatismo é concebido como uma identidade performativa capaz de estar simultaneamente fora e dentro do processo de mercantilização. Em plena crise dos ideais democráticos que supõem o grande apoio eleitoral recebido pelo partido *La Libertad Avanza* nas eleições, falou-se da despolitização da juventude. É claro que o tema é amplo e complexo, mas talvez este caso de fã-ativismo e suas repercussões ajudem a observar aqueles territórios da cultura que vitalizam a organização social e a participação política democrática.

Por outro lado, destacamos que, através da experiência musical e política analisada, pode-se considerar que a luta feminista na Argentina tem continuidade nos processos políticos mais recentes, uma vez que a música popular é um suporte discursivo de destaque nas políticas de gênero contemporâneas e no debate público. Podemos contextualizar o efeito *swiftie* em relação ao estado de enfraquecimento do movimento feminista na Argentina durante o período de debate eleitoral que antecedeu as eleições. Se o movimento feminista foi a principal força social de resistência durante a presidência neoliberal de Mauricio Macri (2015–2019), a posse de um presidente peronista, Alberto Fernández, abriu uma nova etapa. A estatização das políticas de gênero e a legalização do aborto, conquistas fundamentais que, somadas à desarticulação social geral provocada pela pandemia da COVID-19, a iniciativa ativista mostrou um claro enfraquecimento a partir de 2021. Assim, podemos ver que o mundo *celebrity* e a cultura pop funcionaram como suporte para o feminismo em um contexto adverso, trazendo novas formas de intervenção pública. Do mesmo modo, o movimento feminista nas ruas persiste de outras formas, acompanhando os protestos universitários ou resistindo a partir de uma posição cultural antifascista.

Cabe ressaltar que esta campanha eleitoral incluiu uma análise pontual da tendência do voto sob a perspectiva de gênero: a inclinação transversal do voto feminino para o peronismo por ter assumido, a partir do Estado, a tarefa de avançar na obtenção de direitos, como o apoio à Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez, entre muitos outros (CAVALLERO; GAGO, 2023). Diferentes trabalhos negaram e afirmaram essa tendência por meio de pesquisas e trabalhos de campo anteriores ao momento eleitoral

(CHÁVEZ MOLINA; DE LA FUENTE, 2021; SEMÁN *et al.*, 2023). Possivelmente, o agravamento da crise econômica durante os meses anteriores à votação tenha quebrado essa tendência. Talvez tenha sido um anseio reviver algo semelhante à reeleição presidencial de Juan Domingo Perón, na qual a aprovação do voto feminino em 1947 foi determinante para obter o apoio das mulheres argentinas. No entanto, não foi possível saber efetivamente se se manteve uma certa tendência de voto marcada pelo gênero, uma vez que, desde 2011, os cadernos eleitorais são alfabéticos.

A reação positiva e festiva do espetáculo *swiftie* anti-mileísta por parte da mídia também demonstra a posição ambígua que os setores do poder do país tinham naqueles dias. Após a queda da candidatura do partido liberal no primeiro turno das eleições, irreconciliáveis com o partido peronista e ainda receosos de dar apoio ao candidato libertário descontrolado, a campanha *swiftie* ressoou sem moderação.

**Conflito de interesses:** nada a declarar.

**Fonte de financiamento:** nenhuma.

**Disponibilidade dos dados da pesquisa:** Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## Referências

- ÁMBITO FINANCIERO. Los fanáticos de Taylor Swift llevaron su militancia a River: Swiftie no vota a Milei. *Ámbito Financiero*, Buenos Aires, 9 nov. 2023a. Disponível em: <https://www.ambito.com/espectaculos/los-fanaticos-taylor-swift-llevaron-su-militancia-river-swiftie-no-vota-milei-n5868851>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- BORDA, L. *Bettymaníacos, luzmarianas y mompirris: el fanatismo en los foros de telenovelas*. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales) – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2012.
- BORDA, L.; ÁLVAREZ GANDOLFI, F. (comps.). *Fanatismos: Prácticas de consumo de la cultura de masas*. Buenos Aires: Prometeo, 2021.
- BULLONI, N.; JUSTO, C.; LISKA, M.; MAURO, K. Mujeres en las artes del espectáculo. Condiciones laborales, demandas de derechos y activismos de género (2015-2020). *Descentrada*, La Plata, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2022. <https://doi.org/10.24215/25457284e161>

- CAVALLERO, L.; GAGO, V. Cómo el feminismo contribuyó a la remontada. *Le Monde Diplomatique*, Buenos Aires, n. 293, nov. 2023. Disponible em: <https://www.eldiplo.org/en-busca-de-una-nueva-hegemonia/como-el-feminismo-contribuyo-a-la-remontada/>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- CHÁVEZ MOLINA, E.; DE LA FUENTE, R. Clases sociales y desigualdad en la Argentina contemporánea (2011-2019). *Realidad Económica*, v. 51, n. 339, p. 9-36, 2021.
- DIARIO OLÉ. Insólito acampe en River para el recital de Taylor Swift... ¡dentro de cinco meses! *Diario Olé*, Buenos Aires, 6 jun. 2023. Disponible em: [https://www.ole.com.ar/river-plate/insolito-acampe-river-recital-meses-taylor-swift-entradas-all-access\\_0\\_XEr2p-wH4HU.html](https://www.ole.com.ar/river-plate/insolito-acampe-river-recital-meses-taylor-swift-entradas-all-access_0_XEr2p-wH4HU.html). Acceso em: 21 ago. 2025.
- DRIESSEN, S. Campaign problems: how fans react to Taylor Swift's controversial political awakening. *American Behavioral Scientist*, v. 66, n. 8, p. 1060-1074, 2022. <https://doi.org/10.1177/00027642211042295>
- EL DESTAPE. Quiénes son las swifties y por qué se llaman así. *El Destape*, Buenos Aires, 7 jun. 2023. Disponible em: <https://www.eldestapeweb.com/cultura/taylor-swift/quienes-son-las-swifties-y-por-que-se-llaman-asi-20236714270>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- FISKE, J. The cultural economy of fandom. In: LEWIS, L. (org.). *The adoring audience*. Londres; Nova York: Routledge, 1992. p. 30-49.
- GENTO DE CELIS, P. *Swifties, swifsters y otros fans. Aproximación a los Fandom Studies a través del fanbase de Taylor Swift*. Tesis (Grado en Musicología) – Escuela de Música de Cataluña (ESMUC), Barcelona, 2017.
- GILBERT, A. Swiftie no vota Milei. El giro político de los conciertos de Taylor Swift en Argentina. *El Periódico*, Barcelona, 10 nov. 2023. Disponible em: <https://www.elperiodico.com/es/internacional/20231110/swiftie-vota-milei-giro-politico-94444005>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- GIMÉNEZ, P. ¿Por qué las swifties pueden cambiar el rumbo del país en estas elecciones? *Filo.news*, Buenos Aires, 23 out. 2023. Disponible em: <https://www.filo.news/noticia/2023/10/26/por-que-las-swifties-pueden-cambiar-el-rumbo-del-pais-en-estas-elecciones>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- GRANDÍO, M. *Adictos a las series: 50 años de lecciones de los fans*. Barcelona: Editorial UOC, 2016.
- ILLOUZ, E. *La vida emocional del populismo: Cómo el miedo, el asco, el resentimiento y el amor socavan la democracia*. Madri: Katz, 2022.
- JENKINS, H. Afterword: the future of fandom. In: GRAY, J.; SANDVOSS, C.; HARRINGTON, C. L. (org.). *Fandom: identities and communities in a mediated world*. Nova York: New York University Press, 2007. p. 357-364.
- LA NACIÓN. Fans de Taylor Swift llamaron a no votar a Javier Milei en el balotaje: Viene a sacarnos todos los derechos. *La Nación*, Buenos Aires, 26 out. 2023. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/fans-de-taylor-swift-llamaron-a-no-votar-a-javier-milei-en-el-balotaje-viene-a-sacarnos-todos-los-nid26102023/>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- LAKIER, M.; VOGEL, D. More than just software surprises: purposes, processes, and directions for software application easter eggs. In: ACM on Human-Computer Interaction, 6., 2022. *Anais* [...]. 2022. p. 1-26. <https://doi.org/10.1145/3512949>

- LISKA, M. *Mi culo es mío*: Mujeres que bailan como se les canta. Buenos Aires: Gourmet Musical Ediciones, 2024.
- MARCUZZI, J. Swifties contra Milei: las fans, entre el activismo político y la euforia por la cantante. *Télam*, Buenos Aires, 9 nov. 2023.
- MARÍN, F. Acampó durante cinco meses para ver a Taylor Swift y desde ahí estudió para ser médica: «Requiere mucho esfuerzo». *La Nación*, Buenos Aires, 9 nov. 2023. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/en-las-redes/acampo-durante-cinco-meses-para-ver-a-taylor-swift-y-desde-ahi-estudio-para-ser-medica-requiere-nid09112023/>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- MARTÍNEZ, S. Mainstream popular music as a challenge to gender studies: Latin music and feminism in contemporary Spain. In: GRUPE, G. (org.). *Recent trends and new directions in ethnomusicology: a European perspective on ethnomusicology in the 21st century*. Aachen: Shaker Verlag, 2019. p. 71-96.
- MONTES HERRERA, C. G. *Swifties e Easter Eggs*: Interacción entre fans de Taylor Swift a través de Easter Eggs. Monterrey: Universidad Tecnológica de Monterrey, 2022. Disponible em: <https://repositorio.tec.mx/items/75e0bbac-3567-4c6d-9836-a-db18f496804>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- PÁGINA 12. Taylor Swift no vota a Milei: pulseras, pósters y panfletos a favor de Sergio Massa. *Página 12*, Buenos Aires, 10 nov. 2023. Disponible em: <https://www.pagina12.com.ar/615193-taylor-swift-contramilei-las-swifties-vuelven-a-pedir-que-n>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- POLITI, D.; PISARENKO, N. Swiftie no vota Milei: el concierto de Taylor Swift en Argentina da giro político. *Tampa*, 10 nov. 2023. Disponible em: <https://www.wfla.com/tampa-hoy/america-latina/swiftie-no-vota-milei-concierto-de-taylor-swift-en-argentina-da-giro-politico/>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- PREGO NIETO, M. Nuevos modos de expresión en la web: el feminismo en el fandom de Harry Potter. *Cuadernos de Gestión de Información de la Universidad de Murcia*, Murcia, n. 7, p. 1-11, 2023.
- SÁNCHEZ GÓMEZ, A. El feminismo de Taylor Swift bajo la lupa en un debate sobre inclusividad. *Infobae*, Buenos Aires, 23 fev. 2024. Disponible em: <https://www.infobae.com/cultura/2024/02/23/el-feminismo-de-taylor-swift-bajo-la-lupa-un-debate-sobre-inclusividad/>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- SEMÁN, P. (coord.). *Está entre nosotros. ¿De dónde salió y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2023.
- SIETECASE, R. Swifties contra LLA, la campaña de las fans de Taylor Swift que piden no votar a Milei. *Radio Con Vos*, 2023. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=nMY14htlSDY>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- SKINNER, T. Taylor Swift breaks Spotify, Amazon and Apple Music Streaming Records in less than 24 Hours. *NME*, Londres, 26 out. 2022. Disponible em: <https://www.nme.com/news/music/taylor-swift-breaks-spotify-amazon-and-apple-music-streaming-records-in-less-than-24-hours-3335415>. Acceso em: 21 ago. 2025.
- SPATARO, C. Las tontas culturales: consumo musical y paradojas del feminismo. *Revista Punto Género*, Santiago, n. 3, p. 27-45, 2013. <https://doi.org/10.5354/2735-7473.2013.30265>

- THOMPSON, E. P. *Costumbres en común*. Barcelona: Crítica, 1990.
- TORRES, N. Meterse con el fandom equivocado: el poder del ciberactivismo de Taylor Swift y la campaña contra Milei. *Tiempo Argentino*, Buenos Aires, 26 out. 2023. Disponível em: [https://www.tiempoar.com.ar/ta\\_article/taylor-swift-milei/](https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/taylor-swift-milei/). Acesso em: 21 ago. 2025.
- WILSON, Lana. *Miss Americana*. Estados Unidos, 2020.

### **Sobre a autora**

*Mercedes Liska*: Pesquisadora associada em Sociologia da Música e da Cultura no Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET). Participou da elaboração da Lei de Cotas de Gênero e Acesso de Mulheres Artistas a Eventos Musicais, aprovada na Argentina em novembro de 2019. Seu livro mais recente é *Mi culo es mío: Mujeres que bailan como se canta* (Musical Gourmet, 2024). E-mail: mmmmliska@gmail.com

---

Data de submissão: 01/06/2025

Data de aceite: 30/07/2025